

FENOMENOLOGIA DA MEMÓRIA CORPORAL

PHENOMENOLOGY OF CORPORAL MEMORY*

RODRIGO BENEVIDES**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, BRASIL

Resumo: Apesar de não haver um consenso na psicologia cognitiva e na neurociência contemporânea, o presente artigo parte do pressuposto de que há - pelo menos em termos descritivos - uma memória corporal que abrange o conjunto de habilidades, disposições e hábitos que podemos perceber em ações irrefletidas tais como tocar um instrumento, dirigir um veículo, digitar em um teclado, etc. Apoiados principalmente na noção de *Intencionalidade Operante*, assim descrita por Maurice Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção* (1945), e na distinção entre *Implicit Memory* e *Explicit Memory* (FUCHS, 2012; SCHACTER, 1996) nosso intuito aqui é de demonstrar que, para além da memória de cunho representacional, há um tipo de memória que podemos compreender como corporal e intraduzível em termos proposicionais.

Palavras-chave: Merleau-Ponty. Memória. Fenomenologia. Corporeidade.

Abstract: Despite the lack of consensus in contemporary cognitive psychology and neuroscience, the present article assumes that there is indeed - at least in descriptive terms - a corporal memory that encompasses the set of skills, dispositions and habits perceivable in unreflected activities such as playing an instrument, driving a vehicle, typing on a keyboard, etc. Supported especially by the notion of *Operative Intentionality*, as described by Maurice Merleau-Ponty in the *Phenomenology of Perception* (1945), we intend to demonstrate that besides the representational features of memory there is a type of memory which is only comprehensible as corporal and untranslatable into propositional terms.

Keywords: Merleau-Ponty. Phenomenology. Memory. Corporeity.

* Artigo recebido em 04/03/2019 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 15/07/2019.

** Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2282727419885115>. E-mail: rodrigobenevides23@gmail.com

I.

Quando se fala em memória, a compreensão mais imediata geralmente gira em torno da possibilidade de lembrar coisas como nomes, rostos, estatísticas sobre determinado assunto, datas de eventos importantes, senhas de banco, receitas culinárias, a capital de vários países, etc. Porém, trataremos aqui de um outro tipo de memória, a saber, a memória incrustada em nossa corporeidade, retida em termos de disposições e hábitos que, uma vez adquiridos, se traduzem em ações irrefletidas não-passíveis de descrições proposicionais. Vejamos o que queremos dizer com isso com o seguinte exemplo descrito por Merleau-Ponty:

Pode-se saber datilografar sem saber indicar onde estão, no teclado, as letras que compõem as palavras. Portanto, saber datilografar não é conhecer a localização de cada letra no teclado, nem mesmo ter adquirido, para cada uma, um reflexo condicionado que ela desencadearia quando se apresenta ao nosso olhar. Se o hábito não é nem um conhecimento nem um automatismo, o que é então? Trata-se de um saber que está nas mãos, que só se entrega ao esforço corporal e que não se pode traduzir por uma designação objetiva. O sujeito sabe onde estão as letras no teclado, assim como sabemos onde está um de nossos membros, por um saber de familiaridade que não nos oferece uma posição no espaço objetivo. O deslocamento dos seus dedos não é dado ao datilógrafo como um trajeto espacial que se possa descrever, mas apenas como certa modulação da motricidade [...] Frequentemente se coloca a questão como se a percepção de uma letra escrita no papel despertasse a representação da mesma letra que, por sua vez, despertaria a representação do movimento necessário para alcançá-la no teclado. Mas esta linguagem é mitológica [...] Quando a datilógrafa executa os movimentos necessários no teclado, esses movimentos são dirigidos por uma intenção, mas essa intenção não põe as teclas do teclado como localizações objetivas. É verdade, literalmente, que o sujeito que aprende a datilografar integra o espaço do teclado ao seu espaço corporal.¹

Como ficou claro no exemplo acima, uma fenomenologia da memória corporal significa a descrição de ações as quais Merleau-Ponty classifica como *pré-reflexiva* ou, por vezes, *não-representacional* (MERLEAU-PONTY, 1999). Na verdade, toda a *Fenomenologia da Percepção* (1945) pode ser entendida como uma longa exposição de situações que, mais uma vez usando os termos de Merleau-Ponty, estão para além de uma intencionalidade representacional, isto é, o que interessa na obra é exatamente a descrição fenomenológica das ações irrefletidas de nossa corporeidade: “o hábito não reside nem no pensamento nem no corpo objetivo, mas no corpo como mediador do mundo.”²

¹ MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, pp. 199-201.

² *Ibid.*, p. 201.

Vejamos mais um exemplo disso. Merleau-Ponty imagina uma situação onde um experiente organista se depara com um piano que não possui o mesmo número de teclas do piano que ele habitualmente pratica. Após alguns minutos de aquecimento, no entanto, podemos perceber que tal organista, devido a seu grau de habilidade musical, já consegue passear seus dedos livremente no novo instrumento. Merleau-Ponty, então, afirma: “Um tempo de aprendizado tão curto não permite supor que reflexos condicionados novos substituam aqui disposições já estabelecidas.”³ Como, então, devemos interpretar esta facilidade em memorizar um novo domínio espacial que exige uma variação na disposição corporal?

Diremos então que o organista analisa o órgão, quer dizer, que ele se dá e conserva uma representação das teclas, dos pedais, dos teclados e de sua relação no espaço? Mas, durante o curto ensaio que precede o concerto, ele não se comporta como o fazemos quando queremos armar um plano. Ele senta-se no banco, aciona os pedais, dispara as teclas, avalia o instrumento com seu corpo, incorpora para si as direções e as dimensões, instala-se no órgão como nos instalamos em uma casa. O que ele aprende para cada tecla e para cada pedal não são posições no espaço objetivo, e não é à sua “memória” que ele os confia.⁴

Em outras palavras, o que Merleau-Ponty descreve nos dois exemplos mencionados é nada mais que a capacidade de ação pré-reflexiva de nossa corporeidade conceituada pelo fenomenólogo francês como *Intencionalidade Operante* (MERLEAU-PONTY, 1999). Quando se digita em um teclado ou se toca um piano, argumenta Merleau-Ponty, o saber não está armazenado em forma de representações que vêm à tona dada a exigência contextual, mas sim nas próprias mãos do sujeito, isto é, não as mãos ditas de modo literal, mas na experiência fenomenológica do corpo que apreende um meio de modo irrefletido. Em relação ao termo citado, Merleau-Ponty segue Husserl na distinção entre intencionalidade de ato e intencionalidade operante, a primeira sendo “aquela de nossos juízos e de nossas tomadas de posição voluntárias”, enquanto que a segunda é “aquela que forma a unidade natural e antepredicativa do mundo e de nossa vida.”⁵ A intencionalidade operante, pois, significa todo o campo de alcance de ações corporais ininteligíveis em termos objetivos ou representacionais, ou seja, como sequências comportamentais proposicionais.

³ Idem.

⁴ Ibid., pp. 201-202.

⁵ Ibid., p. 16.

Em linguagem husserliana, abaixo da “intencionalidade de ato”, que é a consciência tética de um objeto e que, na memória intelectual por exemplo, converte o isto em idéia, precisamos reconhecer uma intencionalidade “operante” (*fungierende Intentionalität*), que torna a primeira possível e que é aquilo que Heidegger chama de transcendência.⁶

Com a noção de intencionalidade operante em mente, examina-se a seguir como tal descrição fenomenológica do corpo coaduna com o recente desenvolvimento das pesquisas em ciências cognitivas e neurociência.

II.

Uma maneira de descrever em termos contemporâneos o que Merleau-Ponty entende por *Intencionalidade Operante* é examinar a distinção entre *Implicit Memory* e *Explicit Memory*⁷. A memória explícita pode ser entendida como um tipo de conhecimento *Know-that*, isto é, informações ou representações definidas que podem ser descritas de modo unívoco ou algorítmico. A memória implícita, por sua vez, constitui a soma, digamos assim, de ações e situações repetidas que, gradativamente, se fundem de tal modo que não podem mais ser descritas como representações ou memórias únicas de determinados momentos específicos do passado, ou seja, trata-se de um acúmulo de ações que finalmente se torna um *Know-how* tácito. Para que fique claro, pensemos na seguinte tarefa: dirigir um carro. Eu sei que (*Know that*) o pedal à direita acelera, o do meio freia e o à esquerda permite a troca de câmbio. Eu sei a posição da primeira, da segunda e da marcha ré, etc. Sei também do alcance da direção, do comprimento do carro, dos significados representados nas placas ao redor da cidade e assim por diante. Tais instruções são armazenadas, embutidas ou inculcadas em minha memória a partir de instruções de terceiros ou de minha própria ação autodidata. No entanto, por si só, tais representações, como se sabe, não são o suficiente para me levar ao ponto de saber como (*Know-how*) dirigir efetivamente. Apenas a repetição cumulativa de ações baseadas no *Know-that* podem fazer emergir um *Know-how* que possibilite a devida efetivação exitosa da tarefa em questão. Porém, e é aqui que realmente interessa, o que podemos dizer do aspecto da memória implícita em termos representacionais? O saber-como-dirigir, o saber-como-digitar, o saber-como-jogar-futebol está, de algum modo, representado proposicionalmente em nosso cérebro? A noção de memória implícita (juntamente com a intencionalidade

⁶ Ibid., p. 561

⁷ Cf. SCHACTER, *Implicit memory: History and current status* (1996); FUCHS, *Body memory and the unconscious* (2011); RIVA, *The neuroscience of body memory: From the self through the space to the others* (2018).

operante merleau-pontiana) nos diz que, na verdade, ao invés de relacionar-se com a memória de um modo que vai do presente ao passado para reaver um dado armazenado (memória explícita), o saber-como da memória implícita diz respeito ao ato de fazer emergir (*enact*) o passado no presente de tal modo que hábitos, competências e disposições adquiridas se tornem um passado-vivente, trazido à tona continuamente por meio de contextos recorrentes que exigem respostas incessantemente criativas (no sentido de não serem meras repetições).⁸ Tomemos mais um exemplo de Merleau-Ponty que, além de ilustrar o argumento acima, ainda demonstra como o fenomenólogo é devedor da *Gestalttheorie*.

A *Gestalt* é uma configuração visual, sonora, ou mesmo anterior à distinção dos sentidos, em que o valor sensorial de cada elemento é determinado por sua função no conjunto e varia com ela [...] Essa mesma noção de forma [*Gestalt*] permitirá descrever o modo de existência dos objetos primitivos da percepção. Estes são, como dizíamos, mais do que conhecidos como objetos verdadeiros, vividos como realidades. Certos estados da consciência adulta permitem entender essa distinção. O campo de futebol não é, para o jogador, um “objeto”, ou seja, o ideal que pode dar lugar a uma multiplicidade indefinida de perspectivas e permanecer equivalente sob essas transformações aparentes [...] O campo não lhe é dado, mas está presente para ele como o termo imanente de suas intenções práticas; ele e o jogador são um só corpo e o jogador sente, por exemplo, a direção do gol tão imediatamente quanto a vertical e a horizontal de seu próprio corpo. Não bastaria dizer que a consciência habita esse meio. Ela nada mais é, nesse momento, que a dialética do meio e da ação.⁹

Dito de outro modo, o jogador de futebol que entra em campo possui um *Know-how* de sua atividade que não pode ser reduzido a um tipo de modelo generalista de situações (*context free features*)¹⁰ que desconsidera elementos contingentes, pois a situação específica de um jogo de futebol exige uma resposta constantemente criativa que não pode ser previamente reduzida e formalizada em axiomas básicos.¹¹

Como, então, podemos compreender que tanto os jogadores experientes como os de nível intermediário simplesmente sabem o que fazer sem reduzirmos tais ações a um conjunto mínimo de regras¹²? Resposta: introduzindo, como fizemos acima, noções como as

⁸ FUCHS, *Phenomenology of Body Memory* (2012).

⁹ MERLEAU-PONTY, *A Estrutura do Comportamento*, pp. 262-263.

¹⁰ DREYFUS, *What Computers Still Can't Do: A Critique of Artificial Reason* (1992).

¹¹ Trata-se aqui, obviamente, do conhecido *Frame Problem* em Inteligência Artificial.

¹² Para maior detalhes sobre o processo, a hierarquia e a gradação de obtenção de competências e hábitos, sugerimos o estudo desenvolvido pelos irmãos Hubert Dreyfus e Stuart Dreyfus, isto é, o *Dreyfus Model of Skill*

de intencionalidade operante ou memória implícita, isto é, admitindo uma esfera da memória e da cognição que se encontra para além de uma redução representacional. Para ficar ainda mais claro a distinção estabelecida anteriormente, vejamos a avaliação que Hubert Dreyfus faz sobre o paradigma dominante dos dias iniciais da inteligência artificial, isto é, o cognitivismo, que na década de 1960 era o “núcleo da ciência cognitiva.”¹³

Para Heidegger, que afirma que o nosso conhecimento de senso comum é um tipo de saber-como [*knowing-how*], e não um saber-que [*knowing-that*] proposicional, as coisas parecem ainda mais desencorajadoras para o cognitivismo. Já que a nossa familiaridade não consiste em um vasto corpo de regras e fatos, mas sim de disposições que respondem apropriadamente a situações, não há um corpo de regras de senso comum para se formalizar. A tarefa é antes perdidamente mal elaborada do que infinita. [...] Por si só, fatos e regras não possuem sentido. Para captar aquilo que Heidegger chama de significância ou envolvimento, os fatos e regras devem possuir uma relevância atribuída. Porém, os predicados que devem ser adicionados para se definir a relevância são apenas mais fatos sem sentido; e, paradoxalmente, quanto maior for o número de dados armazenados em um computador, maior é a dificuldade para se computar o que é relevante em cada situação.¹⁴

Em suma, “a memória corporal possibilita e define a intencionalidade operante do corpo. [...] Sem deliberação, minha mão e meu pé encontram o câmbio e o freio do meu carro, meus dedos pressionam as teclas corretas de meu teclado.”¹⁵

De acordo com Casey (2000), há três tipos de memória implícita: habitual, traumática e erótica [*habitual; traumatic; erotic bodily memory*]. Fuchs (2000, 2011), por sua vez, divide-a em seis: processual, situacional, intercorporal, incorporada, traumática e de dor [*procedural; situational; intercorporeal; incorporative; traumatic; pain memory*]. A memória habitual de Casey é dividida por Fuchs em processual e situacional, ambas tratam das questões já tratadas até agora. Dito isso, seguiremos aqui a divisão elaborada por Fuchs, porém, trataremos de a seguir apenas das memórias traumática e de dor para, com isso, relacionarmos a clássica análise da patologia do membro fantasma de Merleau-Ponty aos estudos de Fuchs.

Acquisition. Cf. DREYFUS & DREYFUS, *A Five-Stage Model of Mental Activities Involved in Directed Skill Acquisition* (2010); DREYFUS & DREYFUS, *Mind over Matter* (1986).

¹³ VARELA, THOMPSON & ROSCH, *A Mente Corpórea: Ciência Cognitiva e Experiência Humana* (1991).

¹⁴ DREYFUS, *Being-in-the-World: A Commentary on Heidegger's Being and Time - Division I*, p. 118.

¹⁵ FUCHS, *Phenomenology of Body Memory*, p. 12.

III.

A memória traumática é talvez um dos melhores argumentos para demonstrar a diferença entre memória explícita e memória implícita (além de apontar o papel da corporeidade na última). Não se trata aqui de defender a existência de uma memória corporal de fato, ou seja, de uma memória armazenada em células fora do domínio do sistema nervoso, apenas nos interessa o tipo de informação que é retida e utilizada de modo implícito e, portanto, não-passível de formalização em termos puramente representacionais.

Em 1911, o neurologista francês Édouard Claparède relata que uma de suas pacientes que sofria de lesão cerebral não conseguia formar novas memórias. Com isso, em todo encontro era necessário uma nova apresentação pois, para a paciente, a consulta de fato era como se fosse a primeira vez. Porém, certo dia, Claparède colocou uma tacha em sua mão e, evidentemente, a paciente rapidamente recuou devido a dor. No dia seguinte, estranhamente, ela se recusou a apertar a mão do médico, mas não sabia explicar o porquê, ou seja, seu corpo, seu córtex, seu hipocampo ou qualquer parte que seja do sistema nervoso (não importa qual seja para nosso propósito descritivo-fenomenológico) memorizou que o aperto de mão daquela pessoa específica significava um ato perigoso que deveria ser evitado. Logo, sua memória de curto prazo ainda estava a funcionar de algum modo, mesmo que deficientemente¹⁶.

Exemplos como o de Claparède parecem indicar que “A impressão mais indelével na memória corporal é causada por traumas, isto é, a experiência de um acidente sério, de estupro, tortura, ou ameaça de morte.”¹⁷ Mesmo que uma pessoa não consiga lembrar conscientemente de detalhes ou até mesmo da experiência em linhas gerais, a literatura psiquiátrica e terapêutica que descreve tais tipos de relato aumenta a cada ano. Torna-se parte da vivência de tais pacientes a sensação de que “A cada esquina, a pessoa traumatizada pode se deparar com algo que evoque o trauma.”¹⁸ Em alguns casos, o indivíduo pode apenas se ver em uma situação que desencadeia sensações de ansiedade, paralisia ou desconfiança (como no caso da paciente de Claparède), no entanto, há relatos de vítimas de tortura, por exemplo, que durante situações de stress sentem dores reais em seu corpo nas partes torturadas anteriormente.

¹⁶ FUCHS, *Phenomenology of Body Memory* (2012).

¹⁷ FUCHS, *Phenomenology of Body Memory*, p. 17.

¹⁸ Idem.

Fuchs (2012) relembra o caso de Aharon Applefeld que ilustra muito bem o tipo de memória corporal que se instala de algum modo na totalidade do ser de nosso organismo após alguma experiência traumática. No caso, Applefeld, um jovem judeu, teve que se esconder em um bosque da Ucrânia por cinco anos durante a segunda guerra mundial para escapar do jugo nazista. O relato a seguir, além de seu notório impacto literário, serve como uma descrição fenomenológica que fundamenta o tipo de discussão tratada no presente artigo.

Já se passaram 50 anos desde o fim da segunda guerra mundial. Desde então, já me esqueci de muita coisa, especialmente lugares, datas e nomes de pessoas, no entanto, eu ainda sinto esse período com todo o meu corpo. Toda vez que chove, quando faz frio ou começa a relampejar, eu retorno ao bosque onde fiquei por tanto tempo. A memória obviamente possui raízes duradouras no corpo. Às vezes, o cheiro de palha áspera ou o canto de um pássaro é o suficiente para me levar para longe, para dentro de mim mesmo. Tudo que aconteceu à época ficou impresso nas células do meu corpo. Não em minha memória. As células do meu corpo parecem lembrar melhor que a memória, apesar de ser essa a sua atribuição. Mesmo muitos anos após a guerra eu não andava no meio da calçada ou da rua, mas sempre rente à parede, sempre às pressas, como alguém que foge. [...] Às vezes o cheiro de comida, a umidade nos sapatos ou um barulho repentino já basta para me levar diretamente de volta à guerra... A guerra me pegou pela medula.

Pelo teor literário da citação anterior não se deve inferir, obviamente, que advogamos a hipótese da efetiva retenção de memória em partes do corpo que estejam para além do sistema nervoso. De qualquer modo, o que interessa nas palavras de Applefeld é sua descrição fenomenológica da memória implícita em relação à totalidade perceptiva da corporeidade.

No caso de pessoas estupradas, por sua vez, uma situação pior pode se instaurar: “A memória sentida de uma intrusão exterior ao corpo abala de modo irreversível a confiança primária no mundo. Cada pessoa se torna uma ameaça em potencial.”¹⁹ A percepção básica do mundo - que, obviamente, se dá pela presença corporal - é alterada de tal maneira que a simples presença de outros corpos são o suficiente para criar uma espécie de estado de alerta permanente.

Outro exemplo de memória traumática se dá na patologia do membro fantasma, examinada por Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção* (1945). A condição de pacientes

¹⁹ Ibid., p. 18.

com membros fantasmas, como se sabe, ocorre com a permanente ou ocasional sensação de que um membro amputado ainda faz parte da corporeidade do indivíduo. O primeiro ponto a ser considerado é que a “anestesia pela cocaína não suprime o membro fantasma.”²⁰, isto é, a anestesia localizada não é suficiente para suprimir a patologia sentida pelo paciente. Desse modo, “nenhuma explicação psicológica pode ignorar que a secção dos condutos sensitivos que vão para o encéfalo suprime o membro fantasma.”²¹ Por conta disso, o exame fenomenológico de tal condição se torna crucial para o propósito de Merleau-Ponty, a saber, compreender como a corporeidade em sua completude pode ser entendida como algo no entremeio do psíquico e do fisiológico, isto é, como se dá o ponto de encontro entre *res cogitans* e *res extensa*: “O braço fantasma não é uma representação do braço, mas a presença ambivalente de um braço”²².

É preciso compreender então como os determinantes psíquicos e as condições fisiológicas engrenam-se uns aos outros: não se concebe como o membro fantasma, se depende de condições fisiológicas e se a este título é o efeito de uma causalidade em terceira pessoa, pode por outro lado depender da história pessoal do doente, de suas recordações, de suas emoções ou de suas vontades. Pois, para que as duas séries de condições possam em conjunto determinar o fenômeno, assim como dois componentes determinam um resultante, ser-lhes-ia necessário um mesmo ponto de aplicação ou um terreno comum, e não se vê qual poderia ser o terreno comum a “fatos fisiológicos” que estão no espaço e a “fatos psíquicos” que não estão em parte alguma.²³

A solução de Merleau-Ponty, já aludida, se dá no entendimento da consciência como a dialética contínua de corpo-ação-ambiente, ou seja, nem algo puramente espacial e localizável, tampouco a pura abstração psicológica (muito menos metafísica ou espiritualista): a fenomenologia de Merleau-Ponty “não deve servir de pretexto a uma restauração do espiritualismo.”²⁴ Contudo, e é aqui que reside a originalidade de Merleau-Ponty que será usada mais tarde por Hubert Dreyfus e Francisco Varela (o último, por sinal, creditando a noção de *Enativismo* ao fenomenólogo), não se deve delimitar espacialmente a soma de nossa vida mental à caixa craniana: “o senso comum põe o lugar do pensamento na cabeça.”²⁵, isto

²⁰ MERLEAU-PONTY, 1999, p. 115.

²¹ Ibid., p. 116.

²² Ibid., p. 121.

²³ Ibid., p. 116.

²⁴ Ibid., p. 221.

²⁵ Ibid., p. 202.

é, deve-se admitir que o “corpo é nosso meio geral de ter um mundo.”²⁶ Portanto, “Esse fenômeno [membro fantasma], que as explicações fisiológicas e psicológicas igualmente desfiguram, é compreensível ao contrário na perspectiva do ser no mundo.”²⁷ Em suma, sofrer da patologia do membro fantasma significa “permanecer aberto a todas as ações das quais apenas o braço é capaz, é conservar o campo prático que se tinha antes da mutilação.”²⁸, ou seja, significa a conservação de um modo de ser no mundo, um modo da corporeidade - em sua memória implícita - desvelar e perceber o contexto de ação. Se sou alguém que perdeu um dos braços, minha memória implícita ainda trabalha como se me fosse possível aprender piano; se alguém é estuprado, tal corpo percebe o mundo em condição de alerta. É algo que escapa ao controle imediato da consciência, pois, assim como não é possível formalizar completamente o ato de tocar um novo instrumento ou jogar um determinado esporte, não é possível controlar conscientemente a maneira total do corpo de perceber o ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há consenso científico sobre a existência de fato de uma suposta memória corporal. Na verdade, é até mais fácil encontrar tal posição descrita como pseudociência antes de qualquer coisa²⁹. No entanto, o foco aqui é menos sobre a possibilidade de células não-neurais armazenarem memória e mais sobre a existência de disposições ou hábitos corporais adquiridos que não podem ser expostos de modo proposicional (seja no hipocampo, no córtex pré-frontal ou em células além dos limites do sistema nervoso), ou seja, não importa para o propósito descritivo-fenomenológico a resposta definitiva da localidade ou espacialidade da memória (tanto de hábitos quanto de nomes ou rostos, etc.), mas sim os termos expositivos e, especialmente, a vivência de fato das ações que fazem uso daquilo que é chamado de *memória implícita* pela neurociência contemporânea. Desse modo, para além da questão sobre quais partes do corpo de fato servem como depósitos informacionais, a conclusão que interessa a uma fenomenologia da memória corporal, como dissemos, está voltada, no fundo, para o caráter irrefletido, antepredicativo e não-proposicional das habilidades corporais adquiridas e efetivadas como *Know-how*. Em suma, mesmo que a ciência indique a incapacidade de células não-neurais reterem informações e, eventualmente,

²⁶ Ibid., p. 203.

²⁷ Ibid., p. 119

²⁸ Ibid., p. 122.

²⁹ Cf. LYNN *et al.*, *What do people believe about memory? Implications for the Science and Pseudoscience of Clinical Practice* (2015); SMITH, *Body memories: and other Pseudo-scientific Notions of “Survivor Psychology”* (1993).

demonstre o processo e local exato de armazenamento de hábitos como tocar um instrumento, a descrição fenomenológica de parte da nossa memória e processo cognitivo continua válida.

REFERÊNCIAS

- FUCHS, T. *Body memory and the unconscious*. In D. Lohmar & J. Brudzinska (Eds.), *Founding Psychoanalysis. Phenomenological Theory of Subjectivity and the Psychoanalytical Experience* (pp. 69–82). Dordrecht: Kluwer, 2011.
- _____. *Phenomenology of Body Memory in: Body Memory, Metaphor and Movement*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2012, pp. 9-22.
- LYNN *et al.*, *What do people believe about memory? Implications for the Science and Pseudoscience of Clinical Practice*
- MERLEAU-PONTY, M. *A Estrutura do Comportamento*. Tradução de M. V. M. de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução C. A. de Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- RIVA, Giuseppe. *The neuroscience of body memory: From the self through the space to the others*. *Cortex*, Vol. 104, Jul/2018, pp. 241-260. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0010945217302381>>. Acesso: 04/10/2019
- SCHACTER, Daniel. *Implicit memory: History and current status*. *Journal of Experimental Psychology*, 13(3), pp. 50–58, 1987.
- SMITH, *Body memories: and other Pseudo-scientific Notions of “Survivor Psychology”* (1993). Disponível em: <http://www.ipt-forensics.com/journal/volume5/j5_4_2.htm>. Acesso: 04/10/2019
- THOMPSON, E. *Mind in Life: Biology, Phenomenology and the Sciences of Mind*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.
- VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCHE, E. *A Mente Corpórea: Ciência Cognitiva e Experiência Humana*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000

synesis@ucp.br

<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



BENEVIDES, Rodrigo. Fenomenologia da memória corporal. **Synesis**, v. 11, n. 2, fev. 2020. ISSN 1984-6754. Disponível em: <<http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1828>>
